

Casa: a dimensão mística do habitar

“Habitatei na casa do Senhor” (Sl. 23)

“Na casa de meu Pai há muitas moradas” (Jo. 14,2)

É da nossa condição humana criar um habitat sobre o mundo natural, buscar um espaço, um lugar hospitaleiro e acolhedor, e nos refugiar nele. Cada um de nós tem, no mundo, um **lugar** que nos pertence e ao qual pertencemos. Seu valor está em reconhecê-lo como o lugar onde nos situamos no mundo e onde podemos ser encontrados. Seu dinamismo está no fato de ser ponto de partida e de chegada para nossas aventuras e ousadias.

O ser humano vem ao mundo indefeso e mergulhado no desamparo radical: ele precisa ser acolhido, cuidado e educado por longos anos, em família. Não tem casa prévia, deve construí-la, fazendo-se a si mesmo, no plano pessoal e social, cultural e religioso.

São muitos os lugares onde transitamos, mas o mais importante deles é a nossa **casa**.

A **casa** é mais do que uma realidade física, feita de quatro paredes, portas, janelas e telhados; ela é a instância configuradora de nosso ser pessoal e de nossa experiência comunitária.

Casa é uma experiência existencial primitiva, ligada ao que há de mais precioso na vida humana, que é a relação afetiva entre aqueles que a habitam e com aqueles que nela são acolhidos.

Casa, espaço do mundo que nós escolhemos, preparamos, organizamos, adornamos e fazemos a moradia a partir da qual contemplamos a Terra e o Céu. Por isso ela é reveladora de nossa identidade. *“Dize-me como é tua casa e te direi quem és”*. Ela é o espelho mais honesto dos nossos hábitos, o abrigo dos nossos medos, a nossa fotografia. É por este motivo, talvez, que muitos fogem da própria casa: não querem enxergar a si mesmos.

Quando estamos confusos e desorganizados, nossa casa invariavelmente reflete esse estado de espírito sob alguma forma de desleixo ou desordem. Quando nos abrimos à intuição artística e criativa, a casa e o que realizamos nela se tornam um reflexo vivo de nosso interior, com seus êlans e sonhos, seus desejos e perplexidades, com seus anseios de ordem, beleza, harmonia, inteireza.

A **casa** como espaço arquitetônico e as múltiplas atividades que acontecem nela e em torno dela não deixam de ser uma expressão simbólico-sacramental daquilo que somos e do modo como somos no mundo. A casa é uma extensão de seus moradores. Através dela, estes se revelam e se auto-constroem.

A **casa** nos ajuda a fincar raízes neste mundo e em nós mesmos; ela é lugar de referência e nos fornece orientação; ela anima nossa espera e alimenta o encontro; conserva nossa história, acolhe e guarda na memória as nossas alegrias e as nossas tristezas, as nossas conquistas e os nossos fracassos...

Estar em **casa** é estar no nosso espaço, na nossa intimidade, no lugar de plena liberdade e espontaneidade. Ela é o cenário principal do enredo e dos episódios de nossa vida; é o lugar seguro que nos possibilita repouso e revigoramento afetivo, bem-estar e proteção... **Casa** representa segurança e refúgio das ameaças que vêm de fora; ela nos oferece um espaço estabilizador e nutridor, suscitando vigor e saúde integral. Sem ela facilmente perdemos a calma e o equilíbrio, tornando-nos presas fáceis da agitação, da insatisfação, do medo, do consumismo descontrolado, da impulsividade e da impaciência.

Em meio à dispersão dos múltiplos relacionamentos e das mais variadas demandas que rege a vida atual-mente, é de vital importância esse lugar estável de onde podemos partir e para onde podemos voltar ao longo de nossas incessantes e estressantes jornadas.

Negar **casa** a alguém é negar-lhe o útero que protege e acolhe, é tirar-lhe a segurança necessária para viver, é fazê-lo um errante sem pátria e sem rumo. Perder a casa é perder-se a si mesmo.

Para estar bem centralizado em si mesmo, ninguém pode abrir mão de sua **casa-lar**, moradia onde o coração se enraíza.

“A casa imprime caráter”. Ela pode ser, ao mesmo tempo, espaço de comunicação e integração ou lugar de fuga e isolamento. A casa contribui para potencializar ao máximo a capacidade e o exercício sagrado do com-viver ou para fomentar uma identidade doentia auto-centrada e anti-social. Em proporções similares, a moradia pode ativar, naqueles que a habitam, a convivência aberta à vizinhança, como também pode reforçar a tendência à intolerância, ao preconceito e à supremacia sobre os outros. Ela pode ser lugar de expansão ou lugar de atrofia, humanização ou desumanização.

A casa imprime caráter ou nós imprimimos caráter à casa? Tudo vai depender como se encontra a “casa interior”, o próprio coração.

A casa deve ser escola de confraternidade. A comunicação (comum união) se celebra entre suas paredes que, em seguida, se expande para além de seus limites, despertando uma sensibilidade solidária.

A casa prepara para a vida, pois é ali que os fundamentos de uma personalidade vão se solidificando.

Com razão os gregos viram na experiência da **casa** a origem da ética.

“**Ethos**” em grego significa, precisamente, a morada humana ou o seu “habitat”.

Viver eticamente é saber organizar a **casa** de tal forma que tudo corra a contento: os relacionamentos de afeto e de cooperação entre todos os que nela habitam, a forma como se ordena o interior da mesma para que cada coisa esteja no seu lugar justo, as relações com o meio ambiente para que sejam agradáveis e repousantes, como o jardim, a água, os caminhos, a relação de amizade com os vizinhos e com aqueles que a visitam.

Na era do consumismo e da aparência, na qual vivemos, a **casa** passou a atender a determinados padrões estéticos muito mais do que afetivos. O que importa é o que ela tem e não quem mora nela.

O que era espelho da família se transformou em imagem de identificação. E, dessa maneira, passa-se a servir a casa, em vez da casa servir seus moradores.

Numa cultura do individualismo como o nosso, a **casa** se subdivide em vários nichos que abrigam, em separado, pais e filhos. A sala de estar é pouco usada pelo grupo, e a de jantar, menos ainda. A casa não funciona mais como espaço estimulador de quem mora nela. Tornou-se uma pensão onde são evitados conflitos, questionamentos, confrontos... em nome de uma paz de cemitério.

“Alarga o espaço de tua tenda, estende tuas lonas sem temor, alonga tuas cordas, reforça as estacas! (Is. 54,2)

Todas estas dimensões tornam a **casa** mais humana. Ela se apresenta como instância encantadoramente humana e acolhedora de nós mesmos, sendo fonte de auto-conhecimento e crescimento pessoal.

A **casa** é também a instância configuradora de nossa experiência de fé.

Diante de tantos ruídos e imagens que nos violentam, a **casa** torna-se o lugar da escuta, do silêncio, da interioridade e da comunhão com o Transcendente, através de mediações simples como uma escuta musical atenta, uma boa leitura ou o exercício diário da oração.

Nesse sentido, a casa torna-se Templo do Espírito, pois ela nos ajuda a fazer contato com nossas **“mora-das interiores”**: lugar de intimidade com Deus, espaço de contemplação, ambiente de discernimento e construção de decisões. Nesse sentido, a casa já é antecipação da nossa morada eterna, no Paraíso.

O lugar cotidiano da casa se converte na epifania do divino, no lugar concreto do encontro com Aquele que faz de nossa casa Sua morada.

Nossas moradas provisórias nos revelam que todos somos peregrinos em busca da morada definitiva; nosso coração anseia pelas moradas eternas: o coração do Pai, onde cabem todos.

O Evangelho de Jesus é experiência de casa, de comunhão e palavra para todos, lugar aberto à novidade do Reino. Mc 6,3 apresenta Jesus como “tekton”, construtor (pedreiro, ferreiro, carpinteiro...), e seu ofício era construir casas. Um dia descobriu que sua missão não era construir mais casas para o sistema injusto, deslocou-se para as periferias, em direção aos sem-teto e iniciou um movimento de transformação, a fim de que todos pudessem ter “casa na terra de Deus”.

Assim, deixando seu trabalho de construtor, se fez “arqui-tekton” do Reino de Deus, onde todos pudessem construir suas casas em bases sólidas, começando pelos excluídos sociais: leprosos, cegos, paralíticos, coxos... Jesus quis construir sobre o mundo a nova Casa do Reino, aberta a todos, com pão, com palavra, com amor mútuo... Ele não teve nem sequer uma almofada onde reclinar a cabeça, mas quis que todos os homens e mulheres tivessem casa, famílias... E o movimento que Ele desencadeou não começou nos templos e sinagogas, mas nas casas, lugar da nova família dos seus seguidores, em fraternidade e mesa partilhada.

Não construiu casinhas para pobres sem teto nas ladeiras e encostas da Galiléia, mas moradas com fundamentos na rocha; ou seja, ofereceu-lhes dignidade e consciência, solidariedade e desejo de viver, espírito de comunhão e partilha... para que eles mesmos pudessem criar novas moradas (construí-las e compartilhá-las).

Não começou a partir de cima, mudando a política econômica do imperador César, com seus governadores e reis. A boa nova da “Casa de Deus” (para todos) devia começar pelos mais pobres, excluídos, sem-teto, portadores de uma nova esperança de vida e casa compartilhada.

A primitiva comunidade dos seguidores de Jesus não começou formando uma nova religião instituída, mas uma federação de casas abertas, a partir dos pobres e para os pobres, criando redes de comunicação e de vida fraterna, casas-família, impulsionadas pelo testemunho e presença do Espírito do mesmo Jesus.

“Todos os fiéis, unidos, tinham tudo em comum... partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração” (At. 2,44-46)

Para Jesus, Ser “humano” é ser casa aberta e acolhedora. Tal atitude pede “mais portas e janelas e menos espelhos”. No espelho nós nos vemos; e o que vemos não é o que somos, mas o que aparentamos ser. Desta percepção não saímos. O horizonte perceptivo é mínimo. O espelho é incapaz de revelar a verdade de nosso ser e de ampliar nosso mundo afetivo e social. As portas e janelas, pelo contrário, ampliam nosso horizonte. Através delas renova-se o ar denso e irrespirável do interior da casa que geramos fechados em nós mesmos. As portas e janelas nos situam em comunhão com a natureza e com a sociedade, sem a qual não existe pessoa humana. Elas servem para apontar aos outros que eles fazem parte de nossa vida e que, abertas, indicam que podem ser acolhidos em nossos ambientes.

Como seguidores(as) de Jesus, habitando em casas construídas sobre a rocha do Evangelho, deveríamos nos preocupar mais com as portas e janelas e menos com os espelhos. Outros rostos é preciso descobrir e de maneira especial, rostos feridos, machucados e necessitados de abraço.

Seja uma **casa** sempre aberta: “entrada franca”.

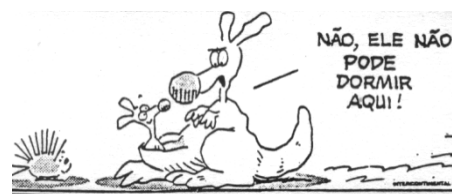
Nada de “cachorros” que atemorizem o visitante: ironia, rudeza, inveja, preconceito...

Nada de longas esperas que desanimam: uns instantes de intensa atenção basta para acolher o outro. Nada de móveis que impeçam a circulação: não imponha seus gostos, suas ideias, seus pontos de vista. Nada de contrato oneroso: “entra-se” e “sai-se” à vontade, sem formalidades...

Casa: lugar do lava-pés, do mandamento novo; lugar da Ressurreição e Pentecostes.

Lugar do encontro com o Senhor; Ele vem. Sua presença causa mudança.

Deixe ressoar a voz do Senhor: “Eu quero, em tua casa, celebrar a Minha Ceia!”.



“...será comparado a um homem sensato que construiu a sua casa sobre a rocha” (Mt 7,24)